



A FORÇA DA MULHER NEGRA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS: feminismo e mobilização

THE STRENGTH OF BLACK WOMEN IN SOCIAL MOVEMENTS: feminism and mobilization

Antoniza dos Santos Dantas

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

RESUMO

Este trabalho é resultado das ponderações sobre as mobilizações sociais e seus objetivos. Buscamos embasar-nos em como o surgimento dos movimentos sociais influenciou a luta para alcançar direitos. Sabemos que o movimento operário instilou em vários grupos uma tomada de atitude para romper com antigos ideais. Nesse sentido, temos o movimento negro que eclodiu nas senzalas e permanece na frente de batalha por mais igualdade e respeito, e o movimento feminista buscando reverter o que uma sociedade, essencialmente machista e patriarcal, relegou às mulheres. Ponderamos ainda sobre um grupo que se enquadra nesses dois movimentos e que foi imprescindível para dar voz a ambos os movimentos: o movimento feminista negro. Não pretendemos destacar as particularidades de um e outro, mas ampliar a visão sobre como as mulheres negras tiveram um papel importante nas lutas por direitos das mulheres e por igualdade racial, já que estas carregavam e, ainda carregam, o quinhão da exclusão de gênero e de raça.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos sociais. Feminismo. Mobilização. Luta. Preconceito. Racismo.

ABSTRACT

This paper is the result of the weightings of the social mobilizations and their goals. We seek to base ourselves on how the emergence of social movements influenced the struggle to achieve rights. We know that the labor movement instilled in several groups an attitude of decision to break away old ideals. In that sense, we have the black movement, which erupted in slave quarters and remains in front of the battle for more equality and respect, and the feminist movement seeking to reverse what a society essentially male chauvinistic and patriarchal relegated to women. We ponder further on a group that fits these two movements and it was essential to give voice to both movements: the black feminist movement. We do not intend to highlight the particularities of one another, but enlarge the vision of how black women played an important role in the struggle for women's rights and racial equality, since they carried and still carrying, the portion of gender exclusion and race.

KEYWORDS: Social movements. Feminism. Mobilization. Struggle. Rights. Prejudice. Racism.



1 INTRODUÇÃO

O teor do engajamento dos movimentos sociais teve sua gênese no movimento operário europeu, quando as lutas de classes objetivavam mudar um sistema de trabalho injusto e austero. Tal mobilização fez surgir partidos e sindicatos empenhados em transformar as estruturas sociais trabalhistas e promover mudanças significativas nas formas de produção. A necessidade e as constantes mudanças no cenário sócio-político contribuíram para peculiarizar a ideia dos movimentos sociais que principiaram a comprometer-se com causas apartidárias e fora dos ditames sindicais. (DOIMO, p. 37).

De acordo com Ana Doimo (1995, pag.38) houve uma transmutação de significado do termo movimento social ao longo da trajetória história mundial, desde o surgimento do movimento operário europeu e, posteriormente no âmbito do marxismo com a organização racional da classe trabalhadora, em meio a alteração da lógica capitalista diante de acontecimentos históricos como crise do socialismo, queda do muro de Berlim, o movimento passa a organiza-se espontaneamente na esfera da cultura enquanto novos movimentos sociais.

No entanto, na origem desses movimentos sociais o próprio termo designativo teve seu sentido esvaziado, uma vez que se convencionou utilizá-lo como uma definição para as insurgentes aglomerações de massas, sem, contudo, esclarecer os ideais que apregoavam os brados das multidões organizadas. Nem mesmo uma concordância na nomenclatura foi possível, já que o paradigma da mobilização do operariado deixou de ser o princípio norteador para a organização dos movimentos sociais. Doimo (1995, p. 38) explica que isso se deve à “completa ausência de consenso quanto à denominação das novas experiências participativas não-oriundas das relações produtivas e não-inscritas no universo operário-sindical.”

Até o início dos anos 60, falar em movimento social significava referir-se à suposta virtualidade revolucionária do proletariado – entendido como classe determinada pelas reações capitalistas de exploração do trabalho pelo capital – e acreditar em sua organização racional, isto é, diagnósticos claramente baseados em premissas científicas, metas previamente definidas, além de regras e normas dotadas de eficácia para o alcance dos objetivos táticos e estratégicos. Os sindicatos e os partidos políticos de orientação socialista e comunista representariam, nessa perspectiva, a forma mais acabada desse tipo de organização, e tudo o que fugisse desse raio de ação sequer podia ser incluído sob a rubrica do verdadeiro movimento social; quando muito, seriam movimentos arcaicos e pré-políticos ou, então, meros “assuntos da classe trabalhadora” (DOIMO, 1995, p. 39).

Entendemos que com o passar dos anos a motivação dos movimentos sociais deixou de ser puramente das forças de trabalho, extrapolando o âmbito sindical, porém sem perder a



essência: corresponder aos interesses coletivos de um grupo insatisfeito com determinadas estruturas sociais. Mudam-se os tempos, mudam-se os sujeitos envolvidos e os objetivos a serem alcançados. Enfim, novas bandeiras reacionárias surgiram fazendo ecoar a voz dos que almejavam melhores condições de vida, afirmação dos direitos e igualdade.

Nesse sentido, o presente artigo pretende discorrer sobre um movimento que ganhou força nos últimos anos, mas cuja luta já se estende por séculos de história: o movimento negro. E, dentro dessa esfera, concentrar-se em como o movimento negro fez surgir uma luta ainda mais pitoresca: o feminismo negro. Entendemos que, a despeito das classes envolvidas ou de suas motivações, um movimento social, qualquer que seja, traz em seu cerne um desejo de libertação da opressão, seja opressão capitalista, de gênero ou etnia.

2 MOVIMENTO NEGRO

O dicionário define racismo como “teoria da pureza da raça ou da separação das mesmas” (BUENO, 2007, p. 647). Entendemos que o movimento social negro surgiu para atender aos anseios de um grupo relegado às margens da história. Um breve retrocesso na história nos permite vislumbrar que os negros sempre tiveram seus direitos usurpados e sua condição de ser humano minimizada ou esquecida. Como explica Clóvis Moura (1988):

É nesse processo de choque entre as duas classes, inicialmente durante o regime escravista (senhores e escravos) e, posteriormente, entre as classes dominantes e os segmentos negros dominados, discriminados e marginalizados, que iremos encontrar explicação para essa realidade e, inclusive, para o grau de discriminação cristalizado no racismo (eufemisticamente chamado de preconceito de cor) por grandes parcelas da população brasileira que introjetaram a ideologia das classes dominantes [...] (MOURA, 1988, p.53).

É imprescindível esclarecer que nem sempre os negros foram vítimas de brancos puristas, que os viam como meros instrumentos de trabalho. No velho continente, “berço da humanidade”, negros vendiam seus irmãos. Como então definir racismo? Racismo é, de fato, segregacionismo, separação. Compreendemos que essa divisão, baseada em valorizar determinada raça por critérios de cor ou cultura, divergentes da ideia central de normalidade e pureza, fomentou o movimento social negro.

As discussões sobre racismo e preconceito ganharam força nos últimos anos. Os avanços tecnológicos, uma nova tomada de consciência e ruptura de velhos conceitos contribuíram para reafirmar uma luta que começou nas senzalas. Por outro lado, se a luta



ganhou força tornou-se mais difícil determinar os limites entre o que é aceitável e politicamente correto e o que é preconceito. No entanto, não nos cabe aqui anunciar as discrepâncias entre preconceito e respeito, porém aliado a esse movimento cresceu dentro dos embates pelo respeito à raça, um afã de se conquistar mais igualdade para um grupo dentro desse movimento: o das mulheres negras, que se veem duramente e duplamente atingidas pela segregação de gênero e de cor. Carneiro afirma que:

Avanços significativos se processaram no combate ao racismo do ponto de vista legal, constituindo uma nova e vigorosa área de atuação e produção de conhecimento, a do “Direito e Relações Raciais”, com crescente engajamento de operadores do direito, instituições jurídicas e a proliferação dos SOS Racismo, tanto no Brasil como em alguns países da América Latina.

Avançou a organização política das comunidades remanescentes de quilombos, adquirindo dimensões nacionais. Cresceu a participação dos negros nos meios de comunicação e a consciência da exclusão da imagem negra nesses veículos. O movimento de mulheres negras emergiu, introduzindo novos temas na agenda do movimento negro e enegrecendo as bandeiras de luta do movimento feminista (CARNEIRO, 2002, p. 210).

Por esse prisma observamos que, independente dos passos alargados que o movimento negro alçou, ainda é longa a caminhada na busca e uma convivência respeitosa e ideal. No que tange às mulheres as lutas ainda serão muitas, pois de encontro a todos os avanços ainda obsta o caminho do movimento uma mentalidade tolhida e tacanha alimentada por séculos de preconceito arraigado.

2.1 Feminismo negro

O desejo de denúncia e transformação da realidade das mulheres negras é mantido desde os primeiros anos de nossa nação, quando, em nome de uma satisfação torpe as escravas eram seviciadas por seus senhores brancos. Saímos da casa grande e da senzala, no entanto ainda estamos presos aos grilhões dessa vergonha que se repete e perpetua por falta de conhecimento ou por intolerância.

Ao contrário da que supunha a ideia machista e patriarcal de que a mulher era o sexo frágil, a mulher negra não tomou conhecimento disso e foi, e ainda é diminuída diante do sexo oposto e de outras mulheres que se assenhorearam das ideias machistas. Os ideais feministas de igualdade entre homens e mulheres, tão em voga nos dias de hoje, ironicamente não contemplavam o enorme contingente de mulheres negras submetidas a situações vexatórias. Carneiro corrobora explicando que:

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (CARNEIRO, 2011).

Para Scherer-Warren (1993), movimento social é “toda ação coletiva de caráter reivindicatório ou de protesto tida como movimento social, independente do alcance ou do significado político ou cultural de luta”. Portanto o movimento feminista se enquadra nessa concepção, já que reivindica emancipação e, sobretudo, valorização do ser mulher e ser negra.

De acordo com Toledo (2001), a história do movimento feminista teve três importantes momentos. O primeiro no fim do século XIX, o sufragista (direito ao voto) e direitos democráticos (divórcio, educação, etc.). O segundo momento se deu nos anos 60, a luta pela liberação sexual, e o terceiro em fins dos anos 70, a luta da mulher trabalhadora. Compreendemos que a mulher negra teve que empreender uma luta ainda maior por viver a dupla condição de ser mulher e negra numa sociedade que a manteve anônima.

O movimento feminista e a atuação do movimento negro forneceram os pilares para acionar o movimento feminista negro, cujo discurso buscava atender às carências específicas desse grupo, que ficou à margem da mobilização que ansiava pelo debate na relação dominante homem-mulher. Porém, um maior acesso à informação permitiu às mulheres negras participação nesses debates tão exclusivos e, conseqüentemente, articulação e mobilização para efetivar a luta do movimento feminista.

Era, pois, necessário compreender que o movimento feminista, por si só, já contemplava uma diversidade de vivências, classes e etnias. Não teria como um só discurso abarcar todas as demandas femininas. Ressaltamos, entretanto que nenhuma discriminação se sobrepõe a outra, mas reconhecemos que as mulheres negras e brancas não dividiam o mesmo patamar nessa sociedade machista.

De acordo com Barros (1995), dentre os conceitos fundamentais feministas, a teoria do ponto de vista feminista destaca que a opressão sexista se intercepta em variados pontos entre raça, gênero e classe. Seguindo esse ponto de vista, abriu-se os olhares para diferenciadas experiências e identidades das mulheres, verificando que o feminismo tradicional no qual considerava gênero como principal fator opressor para mulheres não contemplava plenamente

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



todas as diferenças entre estas. O principal dilema não se relacionava com a falta de representação nos movimentos sócias, mas havia uma discrepância entre os ideários das mulheres negras e brancas; pois enquanto as mulheres brancas buscavam equiparação de direitos com homens brancos, as mulheres negras traziam em si as marcas escravocratas e, as diferenças não se relacionava apenas à imagem masculina, mas também em relação a própria posição em relação a mulher branca tanto socialmente quanto racialmente.

Apesar do termino da escravidão, a mulher negra passou a atuar como pilar das famílias e das comunidades negras, responsabilizando-se pela subsistência dos filhos e consciência moral. Mesmo, após o colonialismo, a construção histórica da identidade da mulher negra e a violência sexual perpetrada no período colonial ainda refletem nas relações de gênero e raça configurada atualmente. As relações sociais em nossa sociedade, ainda retratam o período escravista no tocante as tripas discriminações relativas ao social, racial e ao gênero. Apesar do grande desenvolvimento tecnológico e tomada de consciência para superação de velhos conceitos, as discussões sobre racismo e preconceito ainda constituem dilemas já que na atualidade constantemente noticia-se situações de preconceito vividos pelo grupo negro.

De acordo com Carneiro (2003), a politização das desigualdades de gênero no feminismo desencadeia novos sujeito políticos nas mulheres. Essa condição proporciona novos olhares que desencadeiam processos particulares de cada grupo. Surge dentro do movimento feminista, a luta da mulher indígena, da mulher negra e, cada grupo com suas demandas específicas. Essas demandas específicas geram praticas diversas que ampliam a concepção e o protagonismo feminista no cenário brasileiro. Ainda conforme Carneiro (2003), esse processo de tomada de consciência de que a identidade de gênero não se desdobra em solidariedade racial intragênero conduz as mulheres negras a combater as contradições e desigualdades que a discriminação e o racismo desencadeiam entre as mulheres.

Segundo Carneiro (2003), desde a década de 1980, as mulheres negras vêm promovendo um engajamento nas lutas gerais dos movimentos populares, nos Movimentos Negros e nos Movimentos de Mulheres tanto em nível nacional e internacional na tentativa de assegurar a agenda específica das mulheres negras. Fato que proporcionou a criação de diversas organizações de mulheres negras na esfera nacional. É uma luta que precisa ser alargada no sentido de promover uma inclusão do ideário do movimento feminino negro nas lutas diárias dos grupos e organizações.

Apesar das boas intenções o movimento feminista continuava sendo um movimento “branco”, essencialmente para mulheres brancas. A luta das mulheres negras sobrepujava a



aquisição de direitos sociais. Era uma batalha constante pela sobrevivência e pela utopia de ser vista como ser humano e não como mero objeto exótico e nascido para estar à margem das mesmas oportunidades que as mulheres brancas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que os movimentos sociais sempre se concentraram em dirimir as discrepâncias existentes entre as classes, porém os movimentos feminista e negro ultrapassam as barreiras das lutas de classe. São movimentos que apregoam ideias de ruptura com valores obsoletos e pré-estabelecidos, baseados numa concepção de superioridade do homem sobre a mulher e do branco sobre o negro.

Diz-se muito que o Brasil é uma democracia racial, quiçá esse termo seja utilizado para expressar a nossa pluralidade étnica, já que não se observa uma convivência democrática e harmoniosa nas relações de raça e gênero. É notável que muito já foi galgado, mas sublimar um preconceito não anula sua existência. De forma velada ou desvelada, sob códigos e estatutos, ainda é possível perceber o quanto pode ser mudado.

A palavra movimentar significa “fazer alguma coisa começar a andar, pôr em marcha” (MATTOS, 2010, p. 505) é, portanto, a essência de todas as lutas, fazer algo andar. Se não os sujeitos, mas as velhas instituições ruídas e, se preciso for, entrincheirar-nos junto com aqueles que anseiam por mudanças significativas. O movimento operário lançou as sementes para disseminar, não apenas o descontentamento, mas um desejo indelével por libertar-se de um jugo. O movimento negro, não foi o movimento de Palmares, é uma luta constante por igualdade e respeito.

A mobilização feminina não busca o discurso apologético e competitivo de uma guerra dos sexos. O que dizer então do papel das personagens negras nisso tudo? É um projeto de mudança social concreto, uma resistência aos tabus machistas. É um ideal de convivência sem distinções, onde se veja oportunidades iguais a despeito das semelhanças e diferenças existentes entre os indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. **As teorias dos movimentos sociais**: um balanço do debate. São Paulo: Lua Nova, 2009.

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

"Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas"

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



BAIROS, Luíza. Nossos Feminismos Revisitados. In: RIBEIRO, Matilde (Org.) Dossiê Mulheres Negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v.3, n. 2, 1995, p.458-463.

BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. 2. Ed. São Paulo: FTD, 2007.
CARNEIRO, S. Mulheres em Movimento. In: **Revista Estudos Avançados** 17 (49), 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf. Acesso em: 28 fev 2018.

_____. **Movimento negro no Brasil**: novos e velhos desafios. Caderno CRH. Salvador: 2002. Disponível em: https://www.google.com.br/search?sclient=psy-ab&biw=1366&bih=677&noj=1&q=Movimento+negro+no+Brasil%3A+novos+e+velhos+desafios.+Caderno+CRH.+&oq=Movimento+negro+no+Brasil%3A+novos+e+velhos+desafios.+Caderno+CRH.+&gs_l=serp.3...2100.5617.1.7119.48.9.0.0.0.469.469.4-1.1.0...0...1c.1.64.serp..47.0.0.DIjsb7uQOrE. Acesso em: 27 fev 2018.

COELHO, Andreza Maria Sá. GOMES, Sansarah da Silva. **O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira**. Disponível em:
<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/o-movimento-feminista-negro-e-suas-particularidades-na-sociedade-brasileira.pdf>. Acesso em 28 fev 2018.

DOIMO, Ana Maria. **A vez e voz do popular**. Movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. ANPOCS, 1995.

MATTOS, Geraldo. **Dicionário júnior da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2010.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.
RAIMUNDO, Valdenice José. GEHLEN, Vitória. ALMEIDA, Daniely. Mulher negra: inserção nos movimentos sociais feminista e negro. Disponível em:
<http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/valdenice.pdf>. Acesso em: 28 fev 2018.

TOLEDO, Cecília. **O gênero nos une, a classe nos divide**. Cadernos marxistas. São Paulo: 2001.

WARREN-SCHERER, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **Redes emancipatórias**: nas lutas contra a exclusão e por direitos humanos. Curitiba: Appris, 2012.